



Entre a Luz e a escuridão. Uma leitura das “Meditações”, de Ana Plácido
Between Light and Darkness. A reading of “Meditations” by Ana Plácido

Fabio Mario da Silva¹

À Professora Doutora Conceição Flores

D. Anna Plácido contou na *Luz coada por ferros* a história de sua queda. No drama d'estes amores não ha reticencias nem interlinhas; a luz é plena. (1899, p. 247)

Alberto Pimentel

Resumo: este trabalho pretende analisar um conjunto de sete textos intitulados “Meditações”, contido na obra *Luz coada por ferros* (1863), de Ana Plácido, observando a dicotomia entre a luz e as trevas perpassada pelo discurso narrativo. A maioria desses textos foi inspirado numa época de encarceramento da autora, aquando da acusação de crime de adultério, e tem como base de inspiração a autorreflexão, a partir de uma visão romântica oitocentista.

Palavras-chave: “Meditações”, Ana Plácido, luz, trevas, romantismo, *Luz coada por ferros*.

Abstract: the present work aims to analyse a set of seven texts entitled “Meditações” (Meditations), included in Ana Plácido 1863 work *Luz coada por ferros*, by interrogating the dichotomy between light and darkness as it permeates her narrative discourse. Most of these texts were inspired by the author's experience of imprisonment, while she awaited judgement on charges of adultery, and are inspired by self-reflection from a 19th century romantic perspective.

Keywords: “Meditações”, Ana Plácido, light, darkness, romanticism, *Luz coada por ferros*.

Durante o romantismo europeu, a dor e a inquietude humanas se propagam um pouco por toda Europa através da publicação d'Os *Sofrimentos do Jovem Werther*, obra em que Goethe relatava a chamada “doença da alma” – cujo sintoma é de foro psicossomático – e na qual encontramos temas que tentam aproximar o amor e a morte, a vilanice com a presença do remorso, e o amor como inspiração e fonte de loucura. Estamos falando de um discurso em que as relações entre a luz e as trevas tornam-se quase um *topos* narrativo, engendram manipulações entre o bem e o mal, entre anjos contra demônios. Os textos contidos em “Meditações”, conjunto de sete narrativas publicadas por Ana Plácido em sua obra de estreia, *Luz coada por ferros*, em 1863, foram escritos durante o período do cárcere e perseguição pelo crime de adultério a que foi pronunciada, sendo o co-réu o seu amante – e, depois, futuro marido –, Camilo Castelo Branco. Nessa obra, encontramos a paixão exacerbada, tal

¹ Professor de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas da Univ. Federal do Sul e Sudeste do Pará/Instituto de Estudos do Xingu. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras do ILLA/Marabá. Investigador do CLEPUL da Univ. de Lisboa. Texto desenvolvido durante pós-doutoramento na área de Estudos Portugueses, com supervisão do Professor Doutor Ernesto Rodrigues, do CLEPUL, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

como em Goethe, como mote de inspiração de heroínas românticas que sucumbem diante dos dramas amorosos.

Tais narrativas, muitas delas escritas na cadeia da Relação do Porto, acompanham o tom de indignação por seu aprisionamento, bem como o seu sofrimento, que foi acompanhado por seu filho, Manuel Plácido Augusto Pinheiro Alves, que, na altura, tinha cerca de 2 anos de idade. Ana Plácido foi presa² em 6 de junho de 1860 e Camilo, depois de uma vida em fuga e peregrinando de cidade em cidade, entrega-se à prisão em 1 de outubro de 1860. (cf. Cabral, 1979, p. 8). E, segundo Conceição Flores, apesar de a escrita ser uma válvula de escape para os tormentos vividos em cárcere,³ as “leituras feitas por Ana Plácido na cadeia não aliviam a sua dor. O pacto biográfico por ela estabelecido é ativado pela memória dos acontecimentos ocorridos antes da prisão e pelo sofrimento da situação em que se encontra” (2017, p. 171).

A inspiração para o título da obra na qual estão inseridas as “Meditações”, segundo Alberto Pimentel, foi retirada duma passagem do livro de Camilo Castelo Branco:

Este título, o mesmo que D. Anna Placido deu ao seu livro, publicado em 1863, pertence a Camilo, foi por Ella colhido n’uma nota ao *Amor de Perdição*. Diz a Nota: ‘este romance foi escripto n’um dos cubiculos-carceres da Relação do Porto, a uma luz coada por ferros, e abafada pelas sombras das abobadas’. (Pimentel, 1899, p. 293).

Contudo, como a primeira obra de Ana Plácido, *Luz coada por ferros*, foi, por um lado, publicada simultaneamente e escrita no mesmo período e até anterior ao cárcere de Camilo, e, por outro, foca em demasia o tema luz *versus* trevas, em quase todas as suas narrativas, pensamos que talvez também o próprio Camilo tivesse se inspirado nos textos de Ana, visto que tal temática aparece com frequência no texto de ambos.

O conjunto de textos intitulados “Meditações” (I, II, III, IV, V, VI e VII), alguns deles publicados, como aponta Adriana Mello Guimarães (2018),⁴ originalmente em jornais, caracteriza-se como uma espécie de relato autobiográfico. Tais textos são reveladores dos conflitos psíquicos da autora que se baseiam na dicotomia luzes *versus* trevas.

A primeira meditação, “Meditações I”, que é o segundo texto de *Luz coada por ferros*, traz a referência a uma nota de rodapé sem assinatura. Através dos estudos de Alberto Pimentel, descobrimos que essa assinatura é de Gonçalves de Bastos e essa nota foi publicada primeiramente em *O Nacional* em 5 de outubro de 1860. E, segundo Alberto Pimentel, essa nota de Bastos era “um esforço heróico de amizade pessoal”

² Alexandre Cabral em *A vida dolorosa* indica a data da prisão da escritora: “Ana Augusta é presa a 6 de junho de 1860” (1979, p. 8) e logo a seguir, na página 111, comete o lapso em dizer que “a 5 de maio Camilo é pronunciado e, no dia seguinte, Ana Augusta é presa no Porto”.

³ Foi presa de 6 de junho de 1860, ficando encarcerada até após o julgamento de absolvição, em 16 de outubro de 1861.

⁴ Relatório de pós-doutoramento intitulado *A voz de Ana Plácido na Imprensa Oitocentista*, Marabá, UNIFESSPA, 2018, Adriana Mello Guimarães indica, por exemplo, que em *O Ateneu*, a 30 de novembro de 1859 (pp. 34,36) foi publicado um texto intitulado “Meditações” e na *Revista contemporânea de Portugal e Brasil*, Volume II, (pp 301, 307), a meditação intitulada “Horas de Luz nas trevas de um cárcere”.

(1913, p. 30), visto que o jornal devia ter sofrido baixas nas assinaturas devido ao apoio que dava a Camilo e Ana, ambos, na altura, presos e com a reputação abalada perante a burguesia. Essa nota de rodapé à primeira “Meditação”, de Bastos, refere que a autora pediu à sua alma “ensaios de inteligência que lhe prometessem para o futuro trabalhos de mais fôlego e mais segura garantia à sua subsistência” (2015, p. 62).⁵ Contudo, essa primeira meditação foi publicada no *Ateneu* em 30 de novembro de 1859⁶ (pp. 34,36) sob o título de “Meditações” e possui também um comentário, após o texto da autora, diferente da que está em *Luz Coada por Ferros*, assinada por Vieira de Castro.⁷ Ou seja, numa altura antes de ser pronunciada a prisão, mas já angustiada pela via matrimonial com Pinheiro Alves e a clandestina com Camilo Castelo Branco.

Além de ser um meio de subsistência,⁸ a escrita de *Luz coada por ferros* torna-se também um exercício de reflexão sobre a dor e a clausura, como encontramos nos relatos das “Meditações V”: “sinto a dôr, na recordação turbada e saudosa do passado, d’aquelles primeiros annos tão cheios do contentamento singelo da innocencia! (...) Como é horrivel este plaino solitario por onde espraio a vista” (p. 97). Este excerto é um recordação à sua irmã morta, à Maria José⁹, a quem dedica a obra, encerrando-se com a dicotomia que irá permear todas as sete narrativas de “Meditações”: “Luz e trevas, gloria e martyrio!...” (p. 109). Cláudia Pazos Alonso, por seu turno, vê nessa dedicatória à irmã falecida precocemente uma recusa de uma filiação masculina, com o intuito de fazer com que

a imagem imaculada da irmã mais nova poderá ajudar a contrabalançar a escandalosa imagem pública de Ana enquanto mulher desvirtuada; porém, poderá ter sido também uma tentativa (literária) inconsciente de remediar uma enorme assimetria de gênero, ao inscrever deste modo a irmã musa. (2014, p.43-44)

A primeira das “Meditações” relata que, aos 15 anos, ao acordar dum sonho, numa idade feliz, quando possuía a virtude e a obediência, é obrigada a conviver com um “um homem repulsivo” (p. 63), desiludindo-se a tal ponto que os outros não percebem a magnitude dum sonho, por isso pede a Deus para escutar a prece da

⁵ Todas as citações à obra *Luz coada por ferros* referem-se à edição fac-similada de 2015, que reproduz a edição de 1863. Assim, nas próximas citações da referida obra apenas indicaremos o número de páginas.

⁶ Em *O Ateneu* há a indicação, abaixo do título “Meditações”, que o texto foi escrito em São João da Foz, em outubro de 1859.

⁷ Segundo Vieira de Castro tais palavras de Ana Plácido ditas nessa sua “Meditação” revelam as palavras de uma mártir, e o autor analisa a narrativa e o estado psíquico da autora da seguinte maneira: “Se não rastreares por lá o acerbo transsumpto d’uma alma que se estorce em penas, ou o raio da indiferença queimou já por sobre as crenças do vosso coração, ou para elle jaz sepultada nas nevoas do futuro a luz do sol que tem de radiar-lhe calor e alentos na corolla das esperanças por abrir ainda.” (1859, p.36)

⁸ No periódico *O Nacional*, por meio do qual ficamos a saber que Ana Plácido enviou uma contribuição, como nos revela Camilo em carta de 14 de setembro de 1860 ao Conselheiro Duarte Soares: “Esta se esperando aqui o seu irmão A. [Adriano José de Carvalho e Mello] para tomar conta da administração do Nacional. O Visconde, respondendo a uma carta m.^a, quer que eu lhe escreva alguns art.os, e romance p.^a folhetim. No romance da D. Anna creio que não fallou, nem talvez o quizessem por acatam.to à moralid.e publica.” (apud Marco, 1933, p. 50). Camilo se referiria provavelmente ao romance *O mundo do doutor Pangloss* publicado em quatro capítulos, mas que a real intenção de Ana Plácido seria até “vinte e tantos” (1933, p. 54).

⁹ Maria José Plácido, a mais nova das irmãs, nasceu em 1844 e faleceu em Braga, a 28 de outubro de 1858, de tuberculose.

vítima, condenada socialmente. Assim, Plácido levanta a discussão, como em quase todos os seus textos, da dicotomia entre o sonho e o dever, entre o desejar e o que lhe impuseram como desejado, entre a liberdade e a opressão. Nesse sentido, a narrativa vai referir uma vida nas trevas, associação direta à melancolia e à condenação social, clamando que a justiça seja feita alguma dia, mas não a terrena, na qual já não crê mais: “e a justiça de Deus será potente aos olhos dos que hoje, blasfemos, me condenam em nome d’elle” (p.67). Essa primeira das “Meditações” fala-nos dos conflitos internos operados pelos estados de humor, indicando serem as trevas um estado de inércia e de total descontentamento com a vida, mas com oscilações:

os dias correm escuros e desconsolados sem que um raio d’esperança os avivente. Lucto com as trevas, e o meu espirito levanta-se radioso, sorve a existencia n’um manancial de gosos, electrisa-se d’uma excitação perenne, que é como a recompensa, grande e portentosa, de dores profundas e insondaveis. (p. 63).

Sobre a primeira meditação, Alberto Pimentel chega à seguinte interpretação: “Ana Plácido nessa 1.^a Meditação, como a alucinara a ideia da emancipação de sua alma, a visão tentadora da liberdade e do amor, ao cabo de uma grilhêta conjugal de oito anos” (1913, p. 68).

Na segunda das “Meditações”, encontramos um discurso centrado nos “desgraçados na vida” e o cárcere referenciado como um castigo, tentação, uma espécie de purificação e prova de fé. Por isso, a narradora evoca as suas dúvidas e o sentimento de injustiça que lhe causa revolta:

Se o demonio maldito da duvida vem excruciar-me em horas de cerração, cantando a victoria, eu beijo o talisman santo que trago sobre o seio, vem uma lagrima ardente purificar-me da culpa, e ao clarão subito do infinito, vejo radiar uma imagem divina toda fé, esperança e amor. Prosto-me à visão, acurva-se-me a fronte, e a voz, presa até então, solta-se gemente. Perdão, meu Deus, eu creio na vossa omnipotencia e justiça. Espero... (p. 71)

É um ambiente no qual contrapõem-se a luz e as trevas:

Sempre, sempre a reminiscencia que o esplendor do sol, coado atravez dos ferros, acorda, e as trevas da noite, tão differente d’aquellas outras, avivam chegando-me aos labios um calix em que eu libo algumas vezes o desespero, e até a irreligião, mortas as crenças do bem que a desgraça extermina! (p. 69-70)

O dia e a noite servem como catalizadores do estado psíquico da narradora, representado também pela seguinte dinâmica: “A luz simboliza constantemente a vida, a salvação, a felicidade dadas por Deus (...) As trevas são por corolário símbolo do mal, da infelicidade, do castigo da perdição e da morte” (Chevalier & Gheerbrant, p. 570, 2009). Por isso, encontramos a noite como catalizador de uma situação agonizante e o seu oposto, tão insistentemente frisado pela diegese, como um bem inalcançável: “A noite eterna já desce sobre mim: amortalha-me o crepe funerario da desesperança. Sem céu que me sorria, sem estrellas que me fallem, sem luz que me alumie” (p. 103). Para seguir tal lógica, Ana Plácido recorre a exemplos de mártires da história da Igreja Católica, como os Vicente de Paula, São Francisco Xavier. O que se quer fazer é uma

associação imediata entre esses homens considerados santos e os seus sofrimentos com as crônicas da narração, sendo Cristo o símbolo maior, “o sol da vida!” (“Meditações VI”, p. 103). Daí a ligação de Jesus como caminho luminoso que a conduz em meio às trevas.

É uma narrativa de tom moralizante e religioso¹⁰, como observamos na terceira das “Meditações”, com a potência de uma voz que busca consolo contra a blasfêmia e alimento espiritual para a vida em cárcere:

Religião! conforto dulcíssimo que acalenta o magoado suspirar do infeliz, que o vigorizas no infortunio extremo! que doce melancolia lhe chamas à alma, depois de um extasis arrobado, ao supremo bem, a esse consolador amantíssimo dos angustiados! (p. 78).

A narrativa foca-se na condenação moral injusta, por isso as fortes críticas à sociedade que não anda ao lado dos ensinamentos divinos:

A sociedade, cadaver putrido coberto de sedas e de arminhos, nauzêa o justo quando a não vê debaixo do prestígio maravilhoso que lhe dás. A um aceno do Creador, o mundo saiu do cahos, mas tu a ti própria te creaste, para flagellação permitida, por aquelle que mostra aos afflictos o céu, depois do lenho affrontoso e da montanha íngreme a que tem de subir (p. 78)

Referindo que a soberania da terra é a religião, muitas vezes injusta e conivente com tantas atrocidades humanas, cita a essência divina como algo acalentador, exaltando a Cristo e a redenção como salvação para os aflitos. Por isso, Conceição Flores refere que o sofrimento de Ana Plácido “a faz denunciar o farisaísmo da Igreja, contrapondo a religião aos princípios do evangelho. Insurge-se contra Deus, o deus cruel do Velho Testamento, suplantado por seu Filho, desafiando Jesus a ser Deus.” (2015, p. 29). Nessa meditação de número “III”, tal aclamação e referência ao divino são feitas a partir da comparação com a luminosidade: “És a luz que alumias o sem ventura, que dás vista ao incredulo, e cegas o ateu, confundindo-o e forçando-o a pensar nessa outra vida, eterna e perduravel, de que elle não curára longo tempo, deslembrado do fim da creatura.” (p. 79). A luz surge, nessas narrativas, como imagem do divino, por isso Maria Amélia Campos diz que Ana Plácido procura o amor divino para acalantar suas dores psíquicas:

a busca do amor sublime em Cristo levou-a a estudar o martírio, desenvolvendo nela, sobretudo no período de clausura, uma fé ardente e uma emoção mística. Neste aspecto, não divergia muito dos que buscavam, nos gozos celestiais, resposta para a solidão moral e o abandono” (Campos, 2008, p. 223).

Voltando às “Meditações”, Ana Plácido assim vai discorrendo sobre a visão de mundo que tem o ateu que o leva a quimeras nebulosas e desesperanças: o ateu representa as trevas e a espiritualidade cristã a luz. A noite é descrita como majestosa e sulco das lágrimas. A luminosidade, mais uma vez, é representada como ascensão

¹⁰ Lembremo-nos que na obra de Camilo Castelo Branco também vamos encontrar essas temáticas. Segundo Carlos Reis e Maria da Natividade Pires, o romance *A queda dum anjo* perpassa as seguintes linhas interpretativas: “o romance (ou novela) tem, nestes casos, uma função altamente moralizadora, essencialmente informado por uma concepção cristã do pecado e da culpa” (1999, p. 220).

divina: “De repente, senti-me arrebatada n’uma nuvem dourada, aterea e olorosa. O espirito elevou-se embriagado com o celeste perfume saído d’esse raio divino que me batia no coração.” (p. 89). A luz também é comparada ao conhecimento e, assim, a voz narrativa diz que no meio do caos do seu pensamento irradia a luz, tal como Pitágoras, filósofo e matemático, pois o conhecimento desperta a consciência: “Acima da minha cabeça está a luz suprema e infinita que eu fito deslumbrada. Essa luz compadecida convida-me a caminhar, apontando-me para um centro luminoso” (p. 91). Por isso, o *Dicionário dos Símbolos* vai referir que a luz pode simbolizar o conhecimento, estando “relacionada com a obscuridade para simbolizar os valores complementares – e por vezes maniqueístas – de uma evolução.” (Chevalier & Gheerbrant, p. 567, 2009). É exatamente sobre esse conhecimento de que vai falar a narradora na quarta das “Meditações”, que vê o acesso ao conhecimento contrário ao padrão da mulher submissa dona de casa, como um caminho honroso para as mulheres que não querem ser subservientes e presas a um casamento malfadado, citando as mulheres portuguesas as quais se esqueceram desse alento que é a informação e o conhecimento:

É esta febre que as mulheres de Portugal apagam no regédo do coração, rebatendo assim o estímulo mais atrahente da ambição da gloria, a unica que eu invejo e apprecio.

Fecha-se-lhe esse sanctuario esplendido, e eil-as ahi sem prestigio, sem outro brilho nos fastos contemporaneos, senão o de boas governantes de casa, e boas mães de familia. A sua missão mais nobre é por certo esta, nem eu posso contestal-a. Folgo até que me extremem no meio d’ellas. Mas essa essencia preciosa absorve todas as faculdades grandiosas da mulher? Não.

É preciso que esta inactividade tenha fim, é preciso que nos desliguemos de certas apprehensões, procurando no livro e nos estudos bons mestres um refrigerio para os tristonhos dias da velhice. (p.91)

O que essa “IV” meditação destaca é que as mulheres dedicam-se completamente aos trabalhos domésticos e se esquecem da “iluminação” que é o acesso ao conhecimento e à formação. E reconhece que, na literatura portuguesa, pode não haver grandes vultos femininos como na literatura francesa, mas há escritoras de grande valor e destaque:

Sei que não podemos aspirar a um nome distincto como o de madame Stael, ou George Sand. A estas dotou-as a subtileza do engenho, a grandeza do genio, a vivacidade sublime que não possuímos desde que a marquezia de Alorna, e Catharina Balsemão passaram sem herdeiras. Não demos ao homem a facil victoria da nossa inércia. (p.91-92)

Contudo, a narradora faz uma ressalva, na sétima das “Meditações”, ao dizer que o homem, curvado sobre os estudos e aprofundando a ciência, escurece a sua visão em relação a Deus. Então, o acesso ao conhecimento e à ciência é incentivado pela autora, mas, desde que não se abandone a espiritualidade/religiosidade católica-cristã, e insiste, mais uma vez, na formação cultural das mulheres. Isso tudo porque, no século XIX, como explicita Carlota Pedro, a educação feminina propagada pela classe burguesa se centrava em vários aspectos, desde a instrução religiosa até a aceitação do mito da feminilidade débil:

as qualidades que a educação teria que fomentar na juventude feminina seriam a bondade, a docilidade, a ordem, a honra, a generosidade, a franqueza, assim como a ordem moral e religiosa. Ou seja, as principais obrigações que as donzelas teriam de praticar no seu quotidiano seriam a disciplina, a obediência e o respeito para com a família e as pessoas mais velhas, assim como a cortesia e a delicadeza para com os seus pares (Pedro, 2006, p. 58).

Mesmo a autora refutando algumas dessas ideias, principalmente no que diz respeito nas disparidades sociais entre homens e mulheres, acaba também por aceitar algumas condicionantes. Ana Plácido não consegue abandonar a religião, mesmo criticando-a e tendo um discurso progressista em relação às mulheres, porque a sua formação burguesa religiosa é mais forte e se torna o seu alento nessas narrativas, a maioria escrita no enclausuramento. Ou seja, há aqui uma componente psíquica muito forte: Ana Plácido esteve no cárcere, uma situação capaz de gerar um alto nível de estresse e pressão psicológica. Ao defender a religião e ao mesmo tempo criticá-la, cogitamos que a autora passa por uma oscilação emocional vivida diante da circunstância em que se encontrava.

A par do que foi dito, podemos evidenciar a perspicácia no uso da luz como um elemento de esperança e revigoração *versus* as trevas como lugar inócuo, solitário, angustiante, mas nem por isso menos reflexivo, até porque observamos nessas trevas um “martírio”, processo de sofrimento e purificação da alma massacrada pela sociedade, através de um discurso de uma mulher injustiçada socialmente.

Assim, para validar o seu discurso, a narradora não assume totalmente a inferioridade feminina social atribuída às mulheres, e o faz refutando a sua inércia diante da sua condição feminina débil: “Fracas porque sou mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo odio, não hei de sucumbir, ainda assim! Ampara-me a voz que me chora na harpa da poesia santa e verdadeira do coração” (p. 102).

O cárcere, enquanto clausura forçada, espaço asfixiante, onde a luz trespassa a cela escura em dias ensolarados, como quem traz esperança de um futuro mais digno, é vivido através de vários questionamentos: as condutas morais de homens e de mulheres, a aflição pela condenação social, a superioridade de uma mulher injustamente enclausurada, a hipocrisia masculina. A própria Ana Plácido reconhece, em carta a Duarte Soares, em agosto de 1862, que passa por um grande suplício em sua vida, referindo-se à condenação social:

A m.^a vida é sempre a mesma. Por toda a parte a desgraça, e o meu demonio implacavel a seduzir-me? Paciencia, meu amigo. Esta m.^a adversidade me induz a ter crenças mais vivas no ceo, e espero merecê-lo com a resignação que o mundo tão mal conhece! (*apud* Marco, 1933, p. 129)

Como observamos, os símbolos e santos religiosos são invocados como modelos de mártires e exemplos a seguir, tal como a sua irmã mais nova, morta precocemente, Maria José. E é justamente baseada no maniqueísmo religioso, ou seja, é entre luz e trevas – tal como exemplificam os estudiosos do *Dicionário dos Símbolos*: que a luz simboliza “o desabrochar de um ser pela sua elevação (...) enquanto que a

obscuridade, o negro, simbolizaria um estado depressivo e ansioso (Chevalier & Gheerbrant, p.571, 2009) – que a autora constrói um discurso por vezes conservador, no sentido também de não assumir o estigma de mulher devassa ou de “má índole”, tendo em vista a sua acusação de adultério e as constantes agressões verbais que recebera sobre sua índole. Por isso, na última das “Meditações”, chama a sociedade (a burguesa) de impiedosa, irônica e vingativa.

Em suma, narrar o aprisionamento, seja ele o físico ou o psíquico, ficcionando fatos da vida, filosofando sobre as condutas sociais, resgatando imagens memorialísticas, é repensar a sua condição feminina e, ao mesmo tempo, discretamente, afrontar a sociedade patriarcal. Esse afrontamento contra as injustiças, que a autora vê como consequência de uma burguesia hipócrita e sem escrúpulos, é uma defesa não apenas dos seus sofrimentos, mas também das mulheres, quando defende a instrução feminina como acesso à iluminação (conhecimento) para um mundo além do espaço privado da casa.

O uso dos símbolos da luz ou das trevas é repensado a partir da vivência numa cela escura e pela procura dos raios do sol advindos fora do enclausuramento, o que lhe inspirou nas suas meditações associar a luminosidade à liberdade e ao gozo pleno. Apesar das trevas terem sempre um teor de negatividade, a narradora não deixa de ver no seu sofrimento um martírio e sacrifício da alma, e tal como santos e mártires injustiçados, poderá apontar para um estado de purificação no sofrimento no qual no final o injustiçado será exaltado, os sofrimentos sanados e acusações injustas redimidas.

Bibliografia

- ALONSO, Cláudia Pazos. A trajetória literária de Ana Plácido e o papel de Camilo. In SOUSA, Sérgio Guimarães de. **Representações do feminino em Camilo Castelo Branco**. Vila Nova de Famalicão: Casa Camilo/Centro de estudos Camilianos, 2014, pp.39-64.
- CABRAL, Alexandre. **A via dolorosa 1859-1860. Camilo Castelo Branco**. Porto: Livros Horizonte, 1979.
- CASTRO, Viera. “Nota de rodapé”. In **O Atheneu**. Número 2. Coimbra, 30 de novembro de 1859, pp. 34-36
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- FLORES, Conceição. Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo. In **Revista Ártemis**. Volume XIX. Jan-Jul, 2015, pp. 26-32, disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/26194/14088>, acesso 3 de janeiro de 2020.
- FLORES, Conceição. Meditações autobiográficas de Ana Plácido. In **Revista Soletras**. N.º 34. Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores da UERJ, pp. 165-176, 2017, disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30758/22308>, acesso 4 de janeiro de 2020.

- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- GUIMARÃES, Adriana Mello. **A voz de Ana Plácido na imprensa oitocentista**. Relatório de pós-doutoramento. Marabá: UNIFESSPA, 2018.
- MARCO, Visconde do (org.). **Cartas inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido**. Lisboa: Livraria Popular, 1933.
- PEDRO, Carlota Maria Conceição Aires Pedro. **Educação feminina no século XIX em Portugal: em busca de uma consciência**. Dissertação de mestrado em educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2006.
- PIMENTEL, Alberto. **Memórias do tempo de Camilo**. Porto: Campanha Portuguesa Editora, 1913.
- PIMENTEL, Alberto. **Os amores de Camilo**. Lisboa: Libano & Cunha Editores, 1899.
- PLÁCIDO, Ana. **Luz coada por ferros**, edição fac-similada no âmbito das comemorações do 1.º Centenário da morte de D. Ana Augusta Plácido. Vila Nova de Famalicão: Lelo & Irmão Editores & Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2015.
- REIS, Carlos; PIRES, Maria da Natividade. **História Crítica da literatura portuguesa (o romantismo)**. Vol. V.. 2.ª Ed.. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1999.